

Reação da economia não afeta preços e analistas vêem expansão sem inflação

Queda recorde do dólar no ano ajuda. IGP-DI caiu para 0,44% em outubro

Editoria de Arte

Luciana Rodrigues, Cássia Almeida e Aguinaldo Novo

• RIO e SÃO PAULO. A retomada da atividade econômica, já constatada na recuperação da indústria e nos primeiros sinais de melhora das vendas do comércio, não alterou a trajetória de queda da inflação. O receio de alguns analistas de que, tão logo houvesse um aumento do consumo os preços voltariam a subir não se confirmou. Segundo especialistas em inflação, a melhora da economia já é efetiva e, mesmo assim, os índices de preços devem ficar sob controle pelos próximos meses.

— Teremos crescimento sem inflação. Isso é possível porque a política fiscal é restritiva e contém a demanda por consumo. E a retomada da economia ainda vai demorar para surtir efeitos no emprego e na renda do trabalhador — explica Luiz Roberto Cunha, professor da PUC-Rio e diretor do Instituto Fecomércio-Rio.

Na semana passada, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou uma alta de apenas 0,29%, em outubro, no índice de inflação pelo IPCA, usado nas metas do governo. Os analistas esperavam uma alta de pelo menos o dobro. Já a Fundação Getúlio Vargas (FGV) informou ontem que o Índice Geral de Preços (IGP-DI) foi de 0,44% no mês passado. Ou seja, menos da metade da taxa registrada em setembro, que fora de 1,05%.

— Não há nenhum sinal de que o reaquecimento da economia esteja pressionando os preços. E as perspectivas para a inflação no ano que vem são muito favoráveis — diz Salomão Quadros, coordenador de Análises Econômicas da FGV.

Dólar registra a maior queda no país desde 1966

Quadros lembra que o reajuste de tarifas públicas em 2004 não deve pressionar a inflação ao consumidor, já que os IGPs, usados como índice de correção, estão em queda. No ano, o IGP-DI acumula alta de 6,52% e, nos últimos 12 meses, de 15,78%. No índice de outubro, o núcleo dos preços ao consumidor, cálculo que retira as maiores e menores variações, segue trajetória de queda, mais um indício de que os pequenos sinais de retomada da economia não afetaram a inflação.

Mas o economista Elson Telles, da Boreal DTVM, acredita que é prematuro imaginar que os resultados mais favoráveis da inflação criam espaço para uma redução mais forte da taxa básica de juros, hoje em 19%.

— Ainda não houve tempo para avaliar qual foi o impacto dos cortes passados de juros na inflação — afirma.

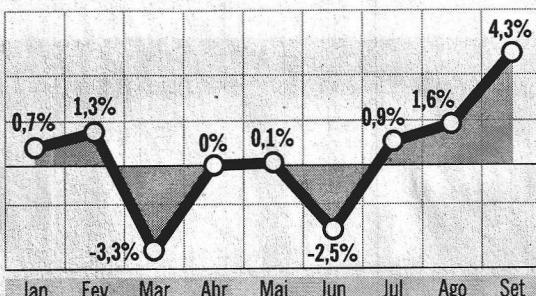
Cunha, da PUC-Rio, prevê que os juros básicos chegarão ao fim do ano em 17%, podendo até ficar abaixo disso.

O comportamento dos indicadores



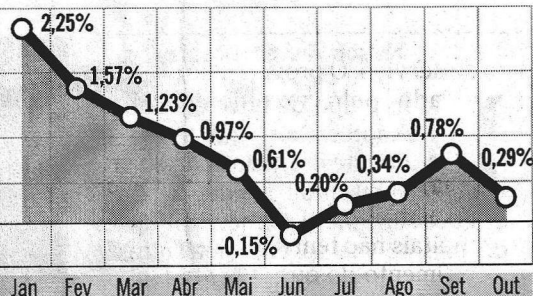
A RECUPERAÇÃO DA INDÚSTRIA

(Em relação ao mês anterior, com ajuste sazonal)



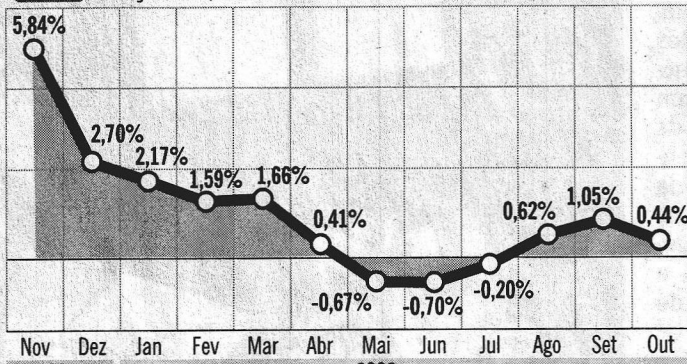
O IPCA RECUA

(Inflação para o consumidor)



O IGP-DI EM QUEDA

(Inflação com peso maior no atacado)



FONTES: IBGE e Fundação Getúlio Vargas (FGV)

O NÚCLEO DA INFLAÇÃO CAI

(O IPC sem as maiores e menores variações)

Janeiro	1,32%
Fevereiro	0,93%
Março	1,07%
Abril	1,20%
Mai	1,05%
Junho	0,74%
Julho	0,53%
Agosto	0,45%
Setembro	0,67%
Outubro	0,50%

Ele lembra que, em 2000, o país cresceu com taxas de inflação baixas. E acrescenta que os preços, no Brasil, são afetados quando há incertezas que levem a uma alta do dólar. O câmbio, ressalta, tem ficado estável nos últimos meses.

Depois de disparar em 2002, o dólar caiu com força nos primeiros meses deste ano e, desde setembro, não tem registrado fortes oscilações. Pesquisa divulgada ontem pela consultoria Economática mostra que, de 31 de dezembro ao dia 10 deste mês, a moeda americana sofreu uma desvalorização nominal de 18,5% frente ao

real. É a primeira vez que isso acontece pelo menos desde 1966, quando a Economática começou a coletar esses dados.

Se for considerada a inflação do período, o resultado também é negativo. De acordo com a Economática, a desvalorização real do dólar este ano já chega a 23,1%. O índice só perde para os registrados em 1980 (-26,7%) e em 1994 (-29,4%).

— Muito da estabilidade da inflação até aqui se deve ao dólar — diz Einar Rivero, que coordena os serviços da Economática na América Latina.

A desvalorização nominal do dólar no Brasil também foi a

maior numa amostra com outros seis países e a Europa. Depois do Brasil, a maior queda da moeda americana foi encontrada na Argentina (-15,6%). O valor do dólar também cedeu no Chile (-14,2%), nos países que utilizam o euro como moeda (-8,7%), no Peru (-1,6%) e na Colômbia (-0,7%).

Já no México o dólar acumula no ano alta de 6,6%, enquanto na Venezuela teve valorização de 14% frente ao bolívar. ■

► NO GLOBO ON LINE:

Acompanhe a evolução dos preços no IGP-DI
www.oglobo.com.br/economia